A TRADUÇÃO HOJE NO BRASIL, SEGUNDO JOÃO AZENHA JR.

Denise Lino de Araújo[2]

"...o mercado de tradução hoje no Brasil é promissor, mas para ter chances em tão especializada profissão, além de conhecer as três línguas dominantes (inglês, francês e alemão), o tradutor deve dominar sobretudo o português." (João Azenha Jr.)

O lançamento da tradução brasileira de O mundo de Sofia, do escritor norueguês Jostein Garder, certamente, por muito tempo ainda, figurará como um dos grandes sucessos editoriais do mercado brasileiro da década de 90. Esse lançamento foi amplamente aguardado pela crítica especializada, que se dedicou a não só a especular sobre o valor literário e filosófico da obra, mas também se dedicou a publicar antecipadamente quadros sinópticos da história da filosofia, como fez a Folha de São Paulo, em setembro de 1995, a fim de preparar o leitor brasileiro, em geral pouco versado em filosofia, para entender a obra.

Por um lado, esse lançamento revelou ao mercado brasileiro o escritor norueguês e seu romance de quase 600 páginas sobre a história da filosofia, uma obra inicialmente escrita para adolescentes. Mas, por outro lado, parece ter revelado para o grande público, João Azenha Jr., o tradutor da obra. Este é hoje um nome nacionalmente associado a O Mundo de Sofia e a O Dia do Curinga, mas sobretudo está associado a um esmerado trabalho de tradução, que seduz o leitor tanto por ser fiel ao texto do autor quanto por (re)criar em português um texto absolutamente agradável de se ler. Para entrevistá-lo foram convidados os alunos da turma de PLPT II, 96.2, sob a orientação da Profª Denise Lino, que tiveram como principal interesse de seu questionamento compreender o conceito e o exercício de escrita a partir da perspectiva de um tradutor. Essa entrevista foi concedida durante a estada do tradutor na V Semana de Letras da UFPB/Campus II.

---

[1] A publicação deste trabalho constitui-se num incentivo para o professor de 1° e de 2° graus. Atividades como essas podem ser facilmente realizadas em sala de aula. Os procedimentos metodológicos foram retirados de FARIA, M. A. **O jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1990 e MEDINA, C. de A. Entrevista: **o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1990.

[2] Este trabalho foi realizado em conjunto com os alunos da turma de Prática de Leitura e Produção de Textos II, 96.2, a quem agradeço a colaboração decisiva nas etapas de coleta de informações, transcrição e revisão. Se há ainda algum erro, esse é de minha inteira responsabilidade, pois elaborei a editoração final.

Alunos de PLPT (AP) Para quem você trabalha hoje, que outros livros você já traduziu além de O Mundo de Sofia (MS) e O Dia do Curinga (DC)?

João Azenha (AZ) Um tradutor autônomo em São Paulo, trabalhando para editoras, não tem vínculo empregatício com nenhuma delas. Eu tenho um trabalho fixo como coordenador de um curso para tradutores dentro da área de Alemão da USP. Recentemente, a Companhia da Letras me chamou para fazer a tradução da Sofia, depois do Curinga e agora acabou de me entregar um livro de literatura infantil. Mas o meu trabalho como tradutor começou em 82, com um livro chamado em português "Conceitos fundamentais da História da Arte", a partir daí eu comecei a trabalhar com tradução de literatura infanto-juvenil. Durante alguns anos, eu fiz a tradução de cinco livros de um autor dinamarquês sobre jovens casais que iam ser pais pela primeira vez. Depois disso, eu fiz a tradução da série "O pequeno Vampiro", também para jovens, e paralelamente traduzi muitos diários, os do pintor Paul Klee, por exemplo, e livros sobre o Taoísmo e Yin e Yang.

> "Para cada obra, as editoras procuram tradutores de acordo com o perfil da obra."

AP - Como se dá a escolha de trabalho de um tradutor?

AZ - Em geral, o tradutor não escolhe o que quer traduzir, ele é convidado a fazer. De todos os livros que eu traduzi até hoje, apenas um foi proposto por mim; um livro sobre a história do Mago Merlin. Eu ganhei o livro de presente, li, achei muito interessante propus a um editor. As demais traduções que fiz vieram como proposta das editoras, porque elas já têm linhas editoriais previstas, já têm livros previstos. Para cada uma dessas obras, elas procuram tradutores de acordo com o perfil da obra a ser traduzida.

AP - No caso específico de MS, você já havia lido anteriormente a versão alemã quando foi convidado a traduzi-la ou não?

AZ - Não. Eu tive notícias de O MS através da revista alemã Spüller, que por muito tempo o trazia como o primeiro da lista dos best-sellers. Na verdade, o meu contato de leitura com esta obra se deu a partir do momento em que o livro foi proposto pela Companhia das Letras para ser traduzido.

AP - Era necessário saber filosofia para fazer a tradução de MS?

AZ - É necessário saber um pouquinho de filosofia. O livro possui dois aspectos: um que tem quer ser trabalhado do ponto de vista da linguagem, dos diálogos, da Sofia com a sua mãe, com a sua amiga e com seu professor de filosofia. O outro aspecto diz respeito à história da filosofia, desde os pré-socráticos até Sartre. Diante desses dois aspectos é necessário que o tradutor tenha bom senso para obter o conhecimento necessário e conseguir fazer o trabalho dentro do prazo previsto pela editora. Se alguém me perguntar sobre esses filósofos, eu não vou saber responder. No entanto, tudo o que está no livro foi pesquisado até onde me exigiu. Quando eu não entendia um conceito que estava sendo passado, estudava mais, isto na medida do que precisava saber, tendo em vista que eu estava traduzindo não era um tratado sobre Aristóteles ou sobre Platão.

AP - Por que MS foi traduzido antes de DC?

AZ - É preciso que se diga que o Curinga foi escrito antes e a partir de uma indagação que surgiu nele é que o Garder escreveu a Sofia. No Brasil, a Sofia foi traduzida antes por uma questão de marketing. Este livro já era um best-seller mundialmente e foi a porta de entrada do Jostein Garder aqui no Brasil. Depois, aproveitando a crista da onda da Sofia, em termos mundiais até, a editora lançou o Curinga. E do ponto de vista mercadológico não teria sentido lançar um autor pela sua obra menor.

AP - No caso de MS, o projeto de marketing estava pronto antes da tradução ou foi algo que resultou de um bom trabalho de tradução?

AZ - Eu acho que foram as duas coisas! Provavelmente antes da tradução já existia um projeto de marketing montado para a publicação do livro. Mas o bom êxito da tradução também contribui para isso, porque a editora até poderia ter um projeto, mas sem uma tradução de qualidade ela não investiria em tanta publicidade.

> "A editora até poderia ter um projeto de marketing, mas sem uma tradução de qualidade ela não investiria em tanta publicidade."

AP - No que diz respeito à tradução, quais as implicações que existem em traduzir uma obra já traduzida para outro idioma, como o MS?

AZ - Em relação ao livro não houve nenhum problema. Eu estava com uma versão alemã autorizada pelo autor e tinha também o original em norueguês, caso fosse necessário consultar poderia recorrer a um colega de trabalho, que é norueguês e também tradutor. Mas isso não foi preciso. Ocorreu apenas uma implicação dentro da própria editora, que não indicou a tradução para o Prêmio Jabuti, alegando que não traduzi a partir da versão original. Porém, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil concedeu-me o prêmio pela tradução, sem questionar a língua originária.

> "O mercado da tradução está em expansão, mas apenas para bons tradutores."

AP - Há uma edição de MS editada pela círculo do livro na qual não consta o nome do tradutor. Quem é esse outro tradutor?

AZ - Sou eu mesmo! Não há outro tradutor da Sofia no Brasil. Eu conheci essa edição aqui em Campina Grande. Quando voltar para São Paulo vou procurar os meus direitos.

AP - Esses aspectos de revenda dos direitos não são previamente acordados com a editora?

AZ - Infelizmente não! Os contratos com os editores são muito falhos não garantem nenhum direito ao tradutor. Isso é algo que tem a ver com regulamentação da profissão e só pode ser mudada através do Congresso Nacional. Mesmo que o tradutor já tenha uma história de publicação, ele não tem como chegar para a editora e impor condições de trabalho. Eu ganhei somente pela tradução da Sofia publicada pela Companhia das Letras.

AP - Com está o mercado da tradução hoje no Brasil?

AZ - Como está o mercado para os médicos, professores? Ruim, não? O mercado da tradução está em expansão, mas apenas para bons tradutores. Apenas para aqueles com uma sólida formação. Enquanto o mercado perdeu porque não existem mais os escritórios de tradução dentro das grandes empresas, ganhou porque o número de livros publicados no Brasil cresceu enormemente nesses últimos anos.

AP - Recentemente foi publicada uma reportagem em VEJA (1465, de 09/10/96) sobre a qualidade da tradução no Brasil. Segundo o texto, existem muitas traduções, mas de má qualidade. Gostaríamos de saber a sua opinião a respeito disso?

AZ - Eu conheço a reportagem, fui entrevistado pela repórter, mas nada do que eu disse saiu na reportagem. A repórter usou um clichê sobre tradução: péssima qualidade. Ela tinha uma idéia já formada sobre o assunto e não a reformulou com os exemplos de boas tradução que eu e um colega lhe apresentamos. Esse é um texto unilateral e clichê. O outro lado não teve vez nem voz.

AP - E para quem quer ser tradutor hoje no Brasil quantas línguas deve dominar?

AZ - Vamos começar falando da Europa. Lá quem quer ser tradutor tem que dominar as três línguas mais importante: o inglês, o francês e alemão. E uma língua exótica: o dinamarquês ou o português, por exemplo. No caso do Brasil, é um pouco diferente. O mercado trabalha fundamentalmente com o inglês, depois com o francês e alemão. São essas as dominantes. Porém, eu quero chamar atenção para o português. Ele serve tanto para o mais corajoso que quer ir para o mercado europeu traduzir do português para outra língua, quanto para aqueles que trabalham aqui, fazendo o percurso mais tradicional: traduzir de outra língua para a nossa. Nesses dois casos, é importante investir na língua estrangeira, mas é importante, sobretudo, investir na nossa própria língua. Em resumo, essas três línguas e mais o português, sempre!

AP - Quais são os principais desafios de um trabalho de tradução: a obra ou o idioma? Estes podem ser apontados para o MS?

AZ - A principal dificuldade é quando o autor trabalha a linguagem de uma forma estética, explorando os limites da língua até onde pode, obrigando o tradutor a também trabalhar as potencialidades da língua na qual redige a tradução. Quanto às facilidades, a principal é quando nos identificamos com a obra. Condições de trabalho plenas, ao nosso alcance, também favorecem. No caso da Sofia, o que facilitou o meu trabalho foi minha simpatia e interesse pela personagem, principalmente por seu caráter forte e decidido.

> "Para o tradutor é importante investir na língua estrangeira, mas é importante, sobretudo, investir na nossa própria língua."

AP - A propósito da tradução, gostaríamos de saber qual a relação que há entre a tradução de livros técnicos e sacros com os livros literários?

AZ - Uma vez me pediram para rever a tradução de um livro técnico e avisaram: "olha, o livro foi traduzido por um técnico da área, então, está 100% certo do ponto de vista terminológico". Quando me pediram para rever a sintaxe, estavam me pedindo para reescrever o livro, usando a terminologia certa. O que isto significa? A tradução de livros técnicos não pode está restrita só ao plano da terminologia. Essa tradução precisa passar por todos os processos de redação dos outros livros. Precisa ter um estrutura clara, ser bem escrito, a fim de que tenha efeito sobre o leitor. A diferença é que você trabalha de maneira controlada, para um público específico. Mas, intrinsecamente os problemas não são muito diferentes dos problemas da tradução de textos literários.

AP - A tradução de DC, representou desafios maiores para você, já que o texto não é linear, tem muitos jogos de paciência e personagens curiosos e inteligentes que conduzem a trama?

AZ - Foi muito difícil. O livro conta história de uma pessoa solitária que joga paciência e conversa com cartas do baralho, a cada uma atribui uma frase. Depois embaralha tudo, tira uma carta e precisa se lembrar qual é frase que aquela carta diz. No decorrer da história, as cartas ganham vida e aquilo que elas dizem também aponta para o futuro. Há ainda a dificuldade de o menino, personagem central, se comunicar com pai que é alcoólatra, que por sua vez está atrás da esposa que o deixou. Por isso tudo, por ser um jogo de ir e vir mesmo, é um livro em relação ao qual não é possível considerar, para a tradução, apenas o aspecto lingüístico. É preciso considerar a obra. Eu tive mesmo que imaginar um baralho e até fazer adaptações. Um delas com o As, que no alemão é feminino e no português é masculino, mas no livro, essas cartas são princesas. Outra adaptação foi quanto ao título. No original tem algo a ver com cabala. Mas não ficaria bem em português. Sugeri o novo título e o autor aceitou e autorizou a tradução como O Dia do Curinga. É uma história bem feita que coloca desafios.

AP - Como um tradutor pode definir as suas atividades profissionais de leitura e de escrita?

AZ - O tradutor é um leitor diferente. Ler sempre com os óculos da tradução, procurando localizar aqueles pontos que são problemáticos. Isto porque o processo da tradução não termina com a leitura, ele avança para parte da reescritura. Este é um leitor já preocupado com a segunda parte de seu trabalho. Nessa parte, os seus recursos criativos vão estar em jogo como estão em qualquer outra escrita. É ilusório pensar que na tradução você se embota e corta os laços com a criatividade e só trabalha mecanicamente a transferência de palavras e de orações. Você trabalha com um sentido que se forma dentro de você, primeiramente. A partir de sua leitura, você reconta a história que leu, usando para isso toda a sua força expressiva escrita. Eu, francamente, não sei até que ponto essa escrita difere de qualquer outra.

> "Na tradução, você reconta a história que leu, usando para isso toda a sua força expressiva."

AP - Qual o aspecto mais relevante do trabalho de tradução para você?

AZ - Primeiro, a tradução me deu uma relação bem diferente com a minha própria língua. Estudar os limites e as possibilidades do português, trabalhar com a minha língua, gostar dela. A segunda coisa que a tradução fez para mim foi me transformar em alguém que superou uma timidez, desde a infância, muito forte. Através da negociação, da necessidade de enfrentar um mercado de trabalho, a coragem de sustentar uma decisão e justificá-la depois, que é um exercício de coragem, superei a timidez. Da tradução eu retiro muitas coisas boas. Esse dois aspectos que mostrei são fundamentais para a formação de uma pessoa e de um profissional. A pessoa antes do profissional!